

Liderança do Governo

Haroldo Hollanda

Em círculos políticos ligados ao Planalto se dá como fato consumando a escolha do senador Jarbas Passarinho para líder do Governo no Senado. Só que a substituição de José Ignácio, como líder, só deverá ocorrer no final de ano, começo de 91. Alega-se que a imediata substituição de José Ignácio obrigaria o Presidente da República a ter idêntico procedimento na Câmara, uma vez que seu líder, deputado Renan Calheiros, está com sua eleição assegurada para o governo de Alagoas, a acreditar-se nas pesquisas de opinião pública. Acontece, no entanto, que um dos candidatos ao cargo é o deputado Ricardo Fiúza, líder do PFL, que Collor não gostaria de ter como seu representante na Câmara. Embora venha prestando bons serviços ao Governo, Fiúza se projetou na Constituinte como um dos mais influentes líderes do Centrão. Seria inevitável a ligação de sua imagem e a do próprio Governo com a desse movimento, que ficou marcado como de direita e ultraconservador no período da Constituinte.

Comenta-se no Congresso que o nome mais cotado para líder do Governo na Câmara continua a ser o do deputado fluminense Adolfo de Oliveira, do PFL, parlamentar com excelente trânsito entre as diversas correntes políticas da Câmara. Além dessa particularidade, ele é velho amigo e confidente político do ministro da Justiça, Bernardo Cabral de quem foi um dos princi-

pais colaboradores na Constituinte, na fase em que Cabral ocupou a função de relator-geral. Se por um percalço qualquer, de ordem eleitoral, Adolfo de Oliveira não for reeleito, o Governo escolheria seu líder entre um dos novos deputados que chegarão à Câmara no início de 91.

Escolhidos os novos líderes, quase simultaneamente o Governo terá de se debruçar sobre a questão da eleição dos futuros presidentes da Câmara e do Senado. No PMDB, são candidatos à presidência da Câmara os deputados Ulysses Guimarães e Ibsen Pinheiro. Têm idêntica aspiração no PFL os deputados Ricardo Fiúza, Humberto Souto e Inocêncio de Oliveira. A presidência do Senado está sendo cobiçada pelos senadores Mauro Benevides, do PMDB; Marco Maciel, do PFL, e Fernando Henrique Cardoso, do PSDB. Dentre os três, o que o Planalto vê com mais simpatia no momento é o do senador Mauro Benevides, que tem ainda como trunfo principal o fato de pertencer ao partido majoritário.

Collares, o favorito

No plenário da Câmara, conversando com o deputado Konder Reis, o deputado gaúcho Luiz Roberto Ponte, do PMDB, diz que só numa hipótese o candidato do PDT, a governador do Rio Grande do Sul, Alceu Collares, poderá ser derrotado: se, no segundo turno, tiver como adversário o senador José

Fogaça, do PMDB, que em pesquisa divulgada ontem à noite caiu no seu Estado para a terceira posição. Se o adversário de Collares for Marchezan, do PDS, prevê Ponte que todas as demais forças de esquerda e de oposição, entre elas a maioria do PMDB, votarão em Collares. Segundo ele, trata-se de uma constatação serena e fria, uma vez que se inclui no grupo minoritário do PMDB que se dispõe a votar no candidato do PDS.

Luiz Roberto Ponte festeja o fato de que, por indicações que possui de diversos estados, a composição do futuro Congresso será mais conservadora do que a do atual, o que, do ponto de vista da sua visão pessoal, será importante para a reforma constitucional, prevista para 93.

Modificações no Paraná

O senador paranaense Affonso Camargo, do PTB, registra modificações no Estado: um apertado endurecimento da disputa entre os candidatos a governador, Roberto Requião, do PMDB, e José Richa, do PSDB. A outra alteração estaria sendo produzida pelo gradual crescimento da candidatura ao Senado do banqueiro José Eduardo, do Bamerindus. A previsão de Affonso é a de que, no final, a disputa pelo Senado ficará restrinida aos nomes de Maurício Fruet, do PMDB, e José Eduardo do PTB, embora Paulo Pimentel, do PFL, ainda liderasse as pesquisas.